

NIKOLAS CORRENT
SILVÉRIA DA APARECIDA FERREIRA
(ORGANIZADORES)

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: repertório de referências culturais e históricas 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Nikolas Corrent
Silvéria da Aparecida Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: repertório de referências culturais e históricas 2 / Organizadores Nikolas Corrent, Silvéria da Aparecida Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0740-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.409220411>

1. História. 2. Patrimônio cultural. I. Corrent, Nikolas (Organizador). II. Ferreira, Silvéria da Aparecida (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “História: repertório de referências culturais e históricas 2” apresenta uma coletânea de artigos acadêmicos que oferecem importantes e criteriosas reflexões acerca da pluralidade de recortes temáticos, fontes, bem como das múltiplas possibilidades de se buscar entender culturas e sociedades situadas nas mais variadas temporalidades.

Procuramos inserir o encadeamento dos textos em uma lógica provida de certa linearidade temática tratada pelos(as) autores(as), sem obedecer a esquemas cronológicos rígidos.

Os(as) leitores(as) dessa obra terão contato com discussões historiográficas em torno da Teoria da História; ensino de História; e Patrimônio Cultural. Essa miscelânea de produções acadêmicas adiciona a oportunidade de difusão em diferentes âmbitos da sociedade, os quais estão envoltos com o interesse público e a necessária consideração sobre cidadania nos tempos contemporâneos.

A organização do livro nos permite apreciar nos primeiros capítulos discussões acerca da Teoria da História e do seu ensino, assim pondera sobre modificações na historiografia e apresenta investigações sobre o trabalho e a profissionalização docente. Na sequência, as pesquisas oferecem análises sobre o Patrimônio Cultural, formas de resistência no medievo e as possibilidades de escrita a partir de narrativas pessoais. Nos últimos textos nos deparamos com problematizações que abordam as relações de poder a partir de mecanismos de controle, sejam eles na coação por órgãos institucionais, pela prisão a padrões de beleza socialmente idealizados, ou refletindo sobre o medo da morte e de doenças em tempos históricos distintos.

Assuntos diversos e convergentes. Perpassa por todos os textos a preocupação com investigações científicas na área da História, na qual sujeitos e fontes ignorados pela história tradicional assumem papel de protagonismo nas pesquisas.

A profundidade da produção dos saberes históricos assinala para a necessidade de se considerar os diálogos – os quais possuem rupturas e permanências – que diferentes épocas mantêm. Consideramos essa obra propositiva no incentivo a novas formas de condução do conhecimento histórico, convidamos a leitura crítica e atenta, mantendo o espírito científico de propagação e transformação do conhecimento.

Boa leitura!

Nikolas Corrent
Silvéria A. Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TRABALHO DOCENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: OS USOS DOS CONCEITOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM HISTÓRICA

Marcela Costa Bem

Paula Cristiane de Lyra Santos

Rychard Temoteo Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204111>

CAPÍTULO 2..... 15

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CONTEXTO DO NEOLIBERALISMO: DESAFIOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Rychard Temoteo Pinheiro

Maria Arleilma Ferreira de Sousa

Marcela Costa Bem

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204112>

CAPÍTULO 3..... 30

UMA NOVA NAÇÃO? A ATUAÇÃO DOS INTELECTUAIS NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE INDEPENDÊNCIA DA ARGENTINA

Camila Bueno Grejo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204113>

CAPÍTULO 4..... 48

PERCEPÇÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PRESIDENTE KENNEDY – ES: MEMÓRIAS PARA VALORIZAÇÃO

Michele Biazate Gomes

Italla Maria Pinheiro Bezerra

Nathalya das Candeias Pastore Cunha

Fabiana Rosa Neves Smiderle

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204114>

CAPÍTULO 5..... 60

LEGITIMAÇÕES DE RESISTÊNCIA EM TEXTOS DE CANTIGAS ALBAS

Maria do Carmo Faustino Borges

Clarice Zamonaro Cortez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204115>

CAPÍTULO 6..... 73

O NÃO PERTENCIMENTO NOS ENSAIOS DE HERTA MÜLLER: EXÍLIO, LINGUAGEM E ESCRITA DA HISTÓRIA EM QUESTÃO

Manuel Batista de Sá Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204116>

CAPÍTULO 7	88
“NÃO ESTÁ DIREITO” – ESTRATÉGIAS DE CONTROLE E FISCALIZAÇÃO EM FEIRA DE SANTANA-BA (1909-1940)	
Magno de Oliveira Cruz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204117	
CAPÍTULO 8	104
A PAULICÉIA IDEALIZADA: A CIDADE E OS CORPOS ENTRE A BELEZA, A SAÚDE E A CIVILIZAÇÃO	
Márcia Barros Valdívia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204118	
CAPÍTULO 9	116
CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL	
Élcia de Torres Bandeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204119	
SOBRE OS ORGANIZADORES	130
ÍNDICE REMISSIVO	131

LEGITIMAÇÕES DE RESISTÊNCIA EM TEXTOS DE CANTIGAS ALBAS

Data de aceite: 01/11/2022

Maria do Carmo Faustino Borges

Doutora pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Clarice Zamonaro Cortez

Orientadora – Universidade Estadual de Maringá, pós-Dra. Em Literatura Medieval pela UERJ

RESUMO: Este estudo consta de uma abordagem das principais matérias políticas e sociais que influenciaram na reconstrução do Ocidente europeu da Idade Média. Tais questões se referem aos procedimentos, costumes, religiosidade, imaginário, elementos que nos permitem discutir sobre as instituições e as políticas que definiram aquela cultura. Para tratar das respectivas relações, temos como ponto de partida os eventos históricos que se destacam: a dinastia Carolíngia, a Igreja, e o sistema feudal, sendo que essas instituições construíram as estruturas e a organização de governo durante aquele período. Optamos por utilizar textos da Lírica Trovadoresca, especificamente em exemplares das Albas, pertencentes às cantigas de amigo, para ilustrar ações do comportamento feminino. Trata-se de narrativas poéticas, cujo conteúdo traduz um embate de resistência as deliberações contra a mulher, resultados de uma concepção misógina. Nossa opção por retomar questões históricas justifica-se por compreendermos que os três tópicos, acima relacionados, constituem a base de todas as

transformações do medievo e a estruturação da cultura. Os textos poéticos selecionados para esta leitura possibilitam depreender que mesmo em uma sociedade repressora, a liberdade humana se faz presente na poesia. Aquela sociedade foi organizada e orientada em pressupostos do poder entre o mundo guerreiro e o mundo religioso, como forma de contenção do caos resultante da queda do Império Romano do Ocidente. Para tanto, apresentamos um contexto resumido do período medievo e uma leitura das cantigas selecionadas, fundamentados em estudiosos de História e Literatura Medieval.

PALAVRAS-CHAVE: Idade Média. História. Trovadorismo. Poder. Resistência.

ABSTRACT: This study is an approach of the main politics and social matters that influenced on Middle Age West Europe reconstruction. Such issues refers to proceedings, behaviors, religiosity, imaginary, elements that allows us to discuss about the institutions and the politics that defined that culture. To deal with the respective relations, we have as wellspring important historical events: Carolingian Dynasty, the Church, and feudal System, once those institutions built the governmental structures and organization, during that period. We optioned for using the Trobadour Lyrics texts, specifically examples of Albas, belonged to Friend songs, to illustrate feminine behavior actions. They are poetics narratives, which contents express a shock resistance to the deliberations against woman, a result of misogyny conception. Our option to recover historical matters is justified in order to our comprehension that those three topics above

related, constitute the basis of all medieval changes and the culture structure. The selected poetic texts for this reading make possible to understand that even in a repressive society, human freedom is presente in poetry. That society was organized and guided on power assumptions between belic and religious worlds as a form of contention to the chaos from the fall of West Roman Empire. For that, we present a summary context of the medieval period and a reading of the selected songs, based on studios in Medieval History and Literature.

KEYWORDS: Middle Age. History. Troubadourism. Power. Resistance.

1 | INTRODUÇÃO

Devido a muitas guerras contra as invasões ao ocidente europeu, após a queda do Império Romano, a Idade Média foi um período da História radicalmente construído ao perfil masculino, devido à necessidade e preparação do homem para o culto bélico. A mulher, na maioria das vezes, levada a casamentos de interesses familiares, era preparada para a procriação e cuidados com o marido e os filhos. As instituições sociais e políticas tinham o apoio da Igreja, que comungava com os interesses e decisões do rei e da nobreza. Neste contexto, a figura feminina aparece mais tarde na linguagem poética dos trovadores, como nas *Cantigas Albas*.

Essa é uma das modalidades de cantigas da Lírica Trovadoresca, as quais veiculam a expressão feminina de encontros e desencontros amorosos fora do casamento. Deste modo, escolhemos dois de seus exemplares para refletir sobre as possíveis sugestões de leitura que essas narrativas nos permitem, em relação ao contexto e circunstâncias de sua criação. Nosso objetivo é observar nesses textos literários o cumprimento de sua função, que, enquanto trabalho poético, como resistência, como arte, sobrevive às pressões sociais e atravessa as barreiras do tempo. Esse movimento literário desenvolveu-se na Península Ibérica, entre os séculos XII e XIV, e permanece como fonte de estudos até hoje.

Para realizar essa proposta abordamos algumas questões da História, da religiosidade, do imaginário, dos costumes, as quais entendemos como estruturas fundadoras e decisivas na constituição política e social da Idade Média. Nesta contextualização destacamos a dinastia Carolíngia, a Igreja, e o sistema feudal como principais instituições atuantes. Optamos também por utilizar os textos das *Cantigas Albas*, fruto das primeiras manifestações literárias do mundo medieval, para ilustrar as situações ora de felicidade, ora de frustração de mulheres que buscavam a satisfação pessoal e amorosa, contrariando as deliberações de comportamento respectivas a elas, em um mundo masculino de guerras e opressões.

Fundamentamos nossas reflexões em estudiosos de História e Literatura Medieval, como Bloch, Duby, Le Goff, Vauchez, Zumthor, entre outros, e destacamos os versos das cantigas selecionadas para uma leitura dos elementos de forma e conteúdo, buscando uma aproximação dos elementos contextuais de sua produção, que nelas possam estar configurados.

2 | PODER POLÍTICO E SOCIAL DO PERÍODO MEDIEVAL

Neste tópico, faz-se necessária uma breve abordagem sobre os assuntos já mencionados como estruturas fundadoras do organismo governamental e estrutural da sociedade medieva. Consideramos que as circunstâncias dessa história política correspondem às formas de consciência social que a referida literatura configura.

A ideia de historicidade, referente à qualidade específica de ser na história ao mesmo tempo que de ser-história, implica alguma apropriação do real: ela se manifesta como situações-chaves, etapas significantes no itinerário que conduz o homem a esta apropriação; situações que, por vezes, podem ser apenas a realização contingente e pontual de um possível inscrito no tempo". (ZUMTHOR, 2009, p. 46).

O contexto da Idade Média registrado pela História foi sempre de muitas lutas contra os invasores. O ambiente de constantes guerras, de disputas por heranças e territórios gerava condições à desordem e à miséria. A precariedade de trabalho e de sobrevivência nas cidades obrigou muitas famílias a buscar o campo. Formaram-se outros reinos e, entre esses, o reino dos reis Merovíngios. Situava-se na antiga Gália (França), e foi substituído pela dinastia Carolíngia, iniciada e marcada na História por Carlos Martel, Pepino, o breve, Carlos Magno, e seus descendentes. Estes, pelo poder da espada, enfrentaram e venceram muitos invasores e, aos poucos, foram ampliados os limites territoriais dos Francos. Também lutaram pela Reconquista de territórios apossados pelos árabes, pelos muçulmanos, pelos povos germânicos.

Estudiosos de História e Literatura medieval têm se dedicado à pesquisa daquela civilização. Hoje, graças a esse trabalho, temos maiores recursos e material para falar e tratar do assunto. Para o nosso estudo, tomamos a queda do Império Romano do Ocidente (476) como o acontecimento que marca o início da Idade Média, que deu margem aos povos bárbaros a se infiltrarem nos territórios, então desestruturados político e economicamente, desencadeando-se muitas atrocidades e destruição.

No reino dos Merovíngios, o prefeito do palácio, Carlos Martel, à frente do exército, derrotou os árabes em Poitiers (732). A monarquia estava enfraquecida e desorganizada, segundo as crônicas de Gregório de Tours, e a nobreza assumiu o poder. Foram doadas terras a pessoas de confiança para administrar e trabalhar em uma relação de suserano/vassalo. As doações (alódios) permitiam ao subordinado desfrutar dos rendimentos enquanto se mantivesse fiel ao seu superior e o não cumprimento do compromisso permitia a retomada da terra. Essa política ajudou o reino franco a se manter unido e fortificado.

Com a morte de Carlos Martel (741), seu filho Pepino assumiu o poder do reino Merovíngio, combateu os invasores, triunfando e defendendo os interesses dos francos. Sem direitos hereditários ao trono, exigiu do papa o título de rei dos francos, em troca da proteção de Roma contra os Lombardos (GRIMBERG, 1940). Era o início da Dinastia Carolíngia. Firmou-se a expansão e o domínio territorial dos francos e, com a morte de

Pepino (768), Carlos, seu filho, assumiu o trono, que deu sequência às conquistas e empreendimentos que marcaram e mudaram a História.

Carlos que, mais tarde, se tornou Carlos Magno, retomou as guerras contra os invasores e, entre elas, a luta contra os Saxões, ao Norte e Nordeste de seus domínios. Com o intuito de fortalecer o Estado franco, o rei aumentou as doações de terra para garantir a fidelidade de seus súditos. Os grandes vassallos podiam ceder parte de suas terras a outros vassallos, desenvolvendo-se uma relação pessoal em vários níveis de suseranos e vassallos. Essa interdependência política e social serviu ao começo de uma estruturação e ordem pública, mas foi também um mecanismo que aproximou os indivíduos e facilitava ao poder o controle sobre eles. Com efeito, o rei ocupava o primeiro posto, depois os militares e os agricultores, instituindo-se um modelo de regime operacional e governamental.

Paralelamente, o poder da Igreja, que sobreviveu à queda do Império Romano, permanecia como a instituição política e social mais influente, fundamentada nos princípios cristãos, como regente da fé e da moral. Por outro lado, Roma precisava de apoio contra os invasores. Deste modo, faziam-se acordos de poder entre o mundo guerreiro e o religioso, voltados aos interesses da governabilidade, os de sobreviver às guerras e estabelecer uma cultura de ordem e de paz, sob os preceitos cristãos. A maioria da população, por sua vez, vivia em condições sub-humanas.

Carlos Magno, no cenário histórico, não se fez somente no segmento de forças materiais, com as conquistas territoriais e sua liderança enquanto chefe de Estado, mas, o seu espírito empreendedor e curioso do saber aspirava para que a cultura alcançasse todo o império. Estendeu-se, também, ao domínio religioso, do qual ele faria consolidar a adesão de toda a sociedade:

[...] todos os súditos do imperador cristão [...] deviam adorar o mesmo Deus que ele, pelo simples facto de se encontrarem submetidos à sua autoridade. Esta concepção administrativa da religião não justifica unicamente as conversões forçadas; ela legitima a utilização da coacção pelo poder leigo com a finalidade de reprimir os cismas e as heresias [...] (VAUCHEZ, 1995, p.18).

O sistema econômico, porém, deixava o trabalhador rural em condições de escravo, conforme depreendemos a partir de uma capitular carolíngia (810): “Que cada chefe exerça uma ação coerciva sobre os seus inferiores, a fim de que estes, cada vez melhor, obedeçam, de boa vontade, aos mandamentos e preceitos imperiais” Bloch (2015, p. 191). Com a distribuição das terras, a economia tinha na agricultura a sustentação da sociedade, porém, sem qualquer perspectiva de melhorias ou oportunidades ao trabalhador. Enquanto isso, o rei, a Igreja e os latifundiários garantiam seus interesses e a ordem social.

As conquistas fortaleciam os francos e seu exército. Por ocasião de outra investida dos Lombardos a Roma (799), o Papa Leão III pediu ajuda ao rei Carlos, com quem contava para a restauração da autoridade do mundo cristão. O inimigo foi derrotado e

Carlos recebeu o título de rei da Itália, tendo enviado uma carta ao Papa, firmando um pacto de colaboração mútua:

[...] pacto inviolável de fé e caridade, de forma que a graça divina obtida pelas preces da vossa Santidade apostólica e vossa benção apostólica me possam seguir por toda a parte, enquanto, se Deus quiser, a Santíssima Sé da Igreja Romana estará sempre defendida pela nossa devoção [...] defender por toda parte com as armas a Santa Igreja de Cristo, tanto das incursões dos pagãos como das devastações do infiel [...] (ESPINOSA, 1976, p.143).

Desta maneira, fica explícito que o objetivo político de poder estava sempre à frente de qualquer outro interesse. Em consequência, o mundo voltado para as guerras, desenvolveu-se a partir do masculino, da força e das condições físicas do homem, necessárias às circunstâncias daquele momento. O pacto entre a Igreja e o soberano tomava cada vez mais força em todas as decisões sociais e políticas. O desenvolvimento do comércio, dos meios de transporte e das cidades, que poderiam favorecer a população e o indivíduo em particular, não entravam em questão.

Aos poucos, a administração se tornou muito difícil devido à vasta margem que alcançou o território dos francos. A nobreza era formada por condes, duques e marqueses, e foi convocada a reorganizar, fiscalizar e recolher os impostos que adinham dos feudos doados: “Um conde ocupava o lugar do rei ausente em cada um dos palácios erguidos nas cidades: devia, como o soberano, ali fazer figura simultaneamente de pessoa pública e, exibindo para isso sua ‘privação’, de pai nutridor” (DUBY, 2009, p. 33).

Em consequência dessa distribuição de terras e de poder, estabeleciam-se as raízes do sistema feudal. Os condes ganharam, aos poucos, sua autonomia e passaram os bens territoriais aos seus primogênitos, junto ao título e honra adquiridos, e “[...] insistindo na ideia de independência e vinculando estreitamente tal fenômeno ao processo de decomposição do poder real, a essa disseminação de autoridade, a essa dissociação progressiva dos poderes de comando a que chamamos feudalismo [...] (DUBY, 1989^a, p. 123). Nesse contexto, o espírito da cavalaria estava atrelado ao sistema, sendo que a nobreza já não se constituía somente pela herança de sangue, mas também por condições financeiras:

[No tempo de Carlos Magno, a cavalaria compreendia] “[...] essencialmente um grupo profissional, o dos guerreiros de elite atacando impetuosamente, de lança ou espada em punho, em todos os campos de batalha da Europa medieval

[...]”. [A partir do momento em que a Literatura se apropria do ideário que envolve a figura do cavaleiro, transfigurou-o] “[...] pouco a pouco, através de heróis emblemáticos como Rolando ou Lancelote do Lago, Alexandre ou o rei Artur; sonho e realidade misturam-se assim para formar nos espíritos uma cavalaria que, mais que corporação ou confraria, torna-se uma instituição, um modo de viver e de pensar, reflexo de uma civilização idealizada. [...]” (LE GOFF; SCHMITT, 2002, p. 186. v. 1).

A sociedade cavaleiresca, incorporada à figura masculina, herdou a autoridade, o

espaço territorial (feudo), as armas e a glória de seus ancestrais, constituindo-se em uma nobreza. Em um primeiro momento, os condes transmitiam aos filhos os “dotes”, enquanto as filhas casadas eram excluídas da herança paterna. Essa “superioridade” estaria relacionada à uma vida de virtudes, tais como o espírito de companheirismo, de combate, de dependência, de homenagem, manifestados por sinais e gestos.

No mesmo século, as questões econômicas voltadas ao casamento sofreram alterações: o marido e sua linhagem tomaram o controle dos bens e passaram a ter precauções para que as heranças não saíssem das mãos dos parentes de sangue, nem os bens que vieram da esposa. Com a morte do pai não se dividia a herança e o primogênito, casado, teria os filhos legítimos que, futuramente, ficariam com os direitos dos tios celibatários. Esse processo teria o resultado de um só herdeiro e os demais, solteiros ainda eram obrigados a buscar a sobrevivência e a fortuna longe da casa paterna. Muitos morriam em combates. Depreendemos, assim, que as estruturas guerreira, religiosa e política daquela sociedade, sustentaram o pensamento, os costumes e as práticas do cotidiano.

A Igreja estabelece Deus como o criador da natureza e do homem, fundamentada no mito judaico-cristão apresentado na Bíblia desde a Criação até o Apocalipse. Desse modo, o mundo cristão idealizado na fé e na religião, constituía o caminho para a preservação e comunhão de atitudes e objetivos na coletividade, visando a salvação no *post mortem* (FRYE, 1973). A instituição religiosa assumia o controle moral por meio da imaginação dos indivíduos.

A mulher, por sua vez, seria herdeira do estigma de Eva: foi a causadora do pecado no Paraíso e oferecia grandes riscos à sociedade. Os Doutores da Igreja, nos primeiros tempos de Idade Média, dedicaram parte de seus estudos e teorias à interpretação do pecado edênico, cujos argumentos definem a superioridade do homem sobre a mulher (MACEDO, 1999). Esses estudiosos deixaram às futuras gerações a noção da ordem da criação como: Deus criou Adão – inteligência, razão (a alma); e Eva, da costela de Adão – sensibilidade, inferioridade, submissão (o corpo). Esta concepção teria se fundido ao Cristianismo daquela cultura, ocorrendo a sua utilização com fins moralizadores, e estendeu-se a muitos escritores misóginos. No século IV, houve a difusão de novos conceitos, a sexualização do pecado original, o estatuto das virgens e o ideal de castidade no monaquismo, articulando-se e definindo os códigos cristãos sobre a sexualidade.

Mas foi Agostinho, quem, por intermédio da concupiscência, ligou definitivamente o pecado original à sexualidade afirmando, por três vezes – entre 395 e 430 - que a concupiscência transmite o pecado original: desde os filhos de Adão e Eva que o pecado original é legado ao homem pelo ato sexual. Esta noção generalizar-se-ia no século XII – exceto com Abelardo e seus discípulos (LE GOFF, 1994, p. 161).

A nossa opção por retomar as questões históricas referidas justifica-se por

compreendermos que os três tópicos tratados constituem a base de todas as transformações sociais da Idade Média e a estruturação da cultura. Deste modo, os textos poéticos selecionados para a nossa leitura possibilitam-nos perceber formas de consciência social expressas na poesia. Aquela cultura, orientada e organizada em pressupostos do poder entre o mundo guerreiro e o mundo religioso, encontra na arte a sua forma de poder e resistência.

3 | LEITURA DE CANTIGAS ALBAS

Dentro do Trovadorismo, encontramos as formas líricas nas cantigas de Amor e de Amigo. A linguagem poética das cantigas de Amigo, grupo das *Albas*, que os trovadores trouxeram para o gênero lírico, expressam os sentimentos da alma feminina: a saudade, o ressentimento, o lamento, assim como a descrição das emoções, das alegrias, a despeito das restrições impostas à mulher. Ela confia a sua experiência amorosa por meio da voz do trovador/narrador.

A passagem das tradições provençais (Provença) para o contexto peninsular (Península Ibérica) implicou a adaptação de temas, motivos e até estruturas formais literárias, como podemos observar pela presença de elementos da natureza utilizados para dar significado literal e simbólico. De acordo com as características dessas cantigas, propomos uma leitura que configure situações do cotidiano da mulher medieval, que busca em encontros clandestinos momentos de prazer com seu *amigo*, mesmo que breves, ou apenas de lembranças.

As cantigas *Albas* tematizam a separação dos amantes depois de um encontro amoroso, quando são despertados pela chegada do dia. Desvendam o ambiente da aristocracia, sendo o *gaita*, vigia do castelo, a personagem que avisa aos amantes o amanhecer. Em outros modelos é o canto dos pássaros que os acorda.

Fizemos a escolha de três cantigas *albas*, do galego-português, as cantigas de Nuno Fernandez Torneol, *Levad' amigo, que dormides as manhãas frias* (SODRÉ, 1998, p. 73); de Juião Bolseiro, *Aquestas noites tan longas* (SPINA, 1996, p. 333); de Pero Meogo, *Levou s'a louçana* (RECKERT; MACEDO, 1996, p. 56).

Levad'amigo, que dormides as manhãas frias

Nuno Fernandez Torneol

Levad' amigo, que dormide' las manhãas frias:

tôdalas aves do mundo d'amor dizian:

leda mh' and' eu.

Levad' amigo, que dormide' las frias manhãas:

tôdalas aves do mundo d' amor cantavan:

leda mh' and' eu.

*Tôdalas aves do mundo d'amor dizian,
do meu amor e do voss' em ment' avian:
leda mh' and' eu.*

*Tôdalas aves do mundo d'amor cantavan;
do meu amor e do voss' anmentavan:
leda mh' and' eu.*

*Do meu amor e do voss en ment' avian;
vós lhe tolhestes os ramos em que siian.
leda mh' andéu.*

*Do meu amor e do voss' i enmentavan;
vós lhe tolhestes os ramos em que pousavan:
leda mh' and' eu.*

*Vós lhi tolhestes os ramos en que siian
e lhis secastes as fontes em que beviã:
leda mh' and' eu.*

*Vós lhi tolhestes os ramos en que pousavan
e lhi secastes as fontes u se banhavan:
leda mh' and' eu.*

Cantiga de Nuno Fernandes Torneol tem como cenário o amanhecer e como tema a separação dos amantes, traço que se resume em “*Levad' amigo, que dormide' las manhãas frias*”. Há um culto à natureza, o que podemos constatar com as referências feitas aos pássaros, aos ramos das árvores, ao amanhecer. O eu-lírico é feminino e convida o namorado a levantar-se, após uma noite de amor, pois a aurora já foi anunciada pelo canto dos pássaros. Esta situação vivida pelos amantes caracteriza as condições sociais da vida feudal, cujos amores clandestinos ficavam sob a guarda dos pássaros, que comunicavam a hora da separação e, segundo Spina (1996), certificavam um amor que se concretiza.

A cantiga apresenta forma paralelística pura, com variações e é composta de oito estrofes em dísticos, acompanhados de refrão. Os versos são constituídos de doze e quatorze sílabas graves e o refrão tetrassílabo agudo. As rimas são alternadas de um dístico para outro em ABr / A'B'r e assim sucessivamente, ocorrendo rimas de construção semântica como em *las manhãas frias* e *las frias manhãas* (versos 1 e 4).

O paralelismo está presente nesta cantiga como em: “*Levad' amigo, que dormide' las manhãas frias*” (verso 1) e “*Levad' amigo, que dormide' las frias manhãas:*” (verso 4); “*tôdalas aves do mundo d'amor dizian:*” (verso 2) e “*tôdalas aves do mundo d' amor cantavan:*” (verso 5). A técnica característica a esta cantiga é o *leixa-pren*, que observamos

no exemplo - “*tôdalas aves do mundo d’amor dizian.*” (verso 2) e “*Tôdalas aves do mundo d’amor dizian,*” (verso 7).

Quanto à contextualização, a cantiga nos revela um amor realizado na sua plenitude, mesmo que em horas furtivas. A referência feita aos “*galhos em que pousavam*” metaforiza o ninho de amor dos amantes em questão, assim também ocorre no verso “*e lhis secastes as fontes em que bevia*”, referindo-se à separação, ao rompimento do idílio ali configurado. Notamos, então, a subjetividade e a sutileza com que eram abordados os temas e como o trovador era capaz de transportar para elementos da natureza as ações e os ambientes vividos por suas personagens.

Há, no entanto, a necessidade de reconhecermos a temática que discute as exigências do mundo real em contraposição à beleza e ao prazer projetados por um amor vivido secretamente, como em “*Levad’ amigo, que dormide’ las manhãs frias*”, quando é chegada a hora da separação, em um tempo presente.

Já em “*Tôdalas aves do mundo d’amor cantavam / do meu amor e do voss’i emmentavam*”, podemos ler esse amor em um tempo passado, mas lembrado ainda com satisfação, como outrora, pois o refrão o confirma em *leda mh’ and’ eu*. Esta situação vivida pelos amantes caracteriza as condições sociais da vida feudal, cujos amores clandestinos ficavam sob a guarda dos pássaros que comunicavam a hora da separação, segundo Spina (1996).

Depreendemos que há um amor completo e que o eu lírico era feliz. Para Sodré (1998), o que é enfatizado, principalmente pelo refrão, “*leda mh’ and’ eu*” é a satisfação da amiga, sendo que o conjunto dos elementos da natureza, as fontes, os ramos tolhidos, as aves e o seu canto simbolizam o ritual erótico, quando é mostrada a subjetividade da mulher que fala de seus sentimentos, da concretude do amor, corpo e alma, como uma lembrança do amor consumado.

Aquestas noites tan longas que Deus fez em grave dia

Juan Bolseiro

*Aquestas noites tan longas
que Deus fez en grave dia
por mi, por que as non dôrmio,
e por que as non fazia
no tempo que meu amigo
soia falar comigo?*

*Porque as fez Deus tan grandes,
non poss’eu dormir, coitada!
e de como som sobejas,
quisera-m’outra vegada
no tempo que meu amigo*

soia falar comigo?

*Porque as fez Deus tan grandes,
sem mesura e desiguaes,
e as eu dormir non posso?
por que as non fez ataes,
no tempo que meu amigo
soia falar comigo?*

A cantiga de Juian Bolseiro apresenta um cenário noturno, em que a moça está sem sono e as horas demoraram a passar. Ela reclama da longa duração das noites sem a presença de seu amigo e questiona Deus porque isso não acontecia outrora, quando o seu amado se encontrava ao seu lado: *Aquestas noites tan longas / que Deus fez en grave dia / por mi, por que as non dórmio*. Nesses versos, temos a referência à religiosidade, no momento em que a jovem clama a Deus nos momentos mais difíceis. A insônia, nesse caso, relaciona-se com o tema da cantiga *Alba*, ao revelar todas as inquietações noturnas e o descontentamento da separação dos amantes.

O texto compõe-se de três estrofes, acompanhadas de refrão em dístico, o que enfatiza a ideia de um amor concretizado e recordado com intensidade em “*no tempo que meu amigo / soia falar comigo*”. Deprendemos que a jovem revela um fato que pertence ao passado. Como cantiga popular, traduz a dor de outras moças que viveram a mesma situação. Em sua estrutura há casos de *enjambement* na segunda e terceira estrofes, como em “*por que as non fez ataes / no tempo que meu amigo / soia falar comigo?*”. Encontramos aqui a expressão de uma mulher que confessa a Deus as suas noites ‘curtas’ com a presença do amigo e compara-as às noites ‘longas’, sua ansiedade e desconforto sem a companhia do amigo. Em seu monólogo, relembra suas noites agradáveis e expõe o desejo de que nas noites demasiadamente longas ela pudesse ter a companhia do *amigo*: “*e de como som sobejas, / quisera-m’outra vegada*”.

Nesses versos abordados, Deus continua a ser o Ser supremo na mentalidade do homem medieval, mas, por outro lado, as imposições e proibições que a Igreja propunha, principalmente à mulher, por meio da literatura, são abertas e mostradas como parte da natureza humana, seus instintos e sua sedução, muitas vezes, suplantados pela razão.

Levou-s’a louçana

Pero Meogo

*Levou-s’ a louçana, levou s’ a velida;
vai lavar cabelos na fontana fria,
leda dos amores, dos amores leda.*

*Levou-s’ a velida, levou-s’ a louçana;
vai lavar cabelos na fria fontana,*

leda dos amores, dos amores dela.

*Vai lavar cabelos na fontana fria;
passou seu amigo, que lhi bem queria,
leda dos amores, dos amores leda.*

*Vai lavar cabelos na fontana fria,
passou seu amigo que a muit' amava,
leda dos amores, dos amores leda.*

*Passa seu amigo, que lhi bem queria;
o cervo do monte a água volvia,
leda dos amores, dos amores leda.*

*Passa seu amigo, que a muit'amava;
o cervo do monte volvia água,
leda dos amores, dos amores leda.*

Apresentamos uma outra variedade das *Albas*, na autoria de Pero Meogo. O cenário continua sendo o alvorecer, porém difere-se na temática ao apresentar a menina camponesa, pela manhã, dirigindo-se à fonte para lavar seus cabelos para um encontro fortuito com o namorado. Cabe ressaltar as simbologias presentes nos versos, tais como os cabelos longos da virgindade; a fonte como símbolo de renovação e fecundidade, tanto na tradição pagã quanto na cristã e a presença do cervo, representante da sexualidade masculina, configurando sua presença no local, conforme registram Reckert e Macedo (1996). A linguagem, de forma simbólica, narra o encontro amoroso da donzela com o amigo.

Organizada em seis estrofes e refrão em dístico, “*leda dos amores / dos amores leda*”, os versos graves são apresentados por redondilha menor, comum nessa modalidade de cantiga, dando-lhe o caráter de musicalidade e, dessa forma, facilitando a sua memorização. Notamos, ainda, a presença do paralelismo puro, “*levou-s’a louçana / levou-s’ a velida*”; *leixa-pren* em “*vai lavar os cabelos*”, e rimas irregulares.

Confirma-se a situação da donzela que, ao alvorecer, levanta-se e feliz vai à fonte lavar os cabelos, “*levou-s’ a louçana / vai lavar os cabelos / na fontana fria / leda dos amores*”, e por lá “*passa o seu namorado / que a muit’ ama*”. Observamos a representação de uma relação amorosa – “*o cervo do monte/ a água volvia*” – simbolizando, com a sua presença na fonte para beber água, a renovação e a fecundidade. Em “*leda dos amores / dos amores leda*”, há a confirmação de um amor correspondido, porque ela é feliz.

O verbo “*levar-se*” refere-se ao ato de levantar-se e ir à fonte esperar o seu namorado “*que a muit’ ama*”. São evidentes as marcas da liberdade e da sensualidade da mulher medieval, embora as normas morais e sociais estabelecessem que a moça devesse viver

guardada e protegida das “tentações” da carne e conservar a sua virgindade, ela vive os seus direitos de decidir com quem dividir o amor, o prazer e as alegrias. Há na cantiga uma típica expressão de contradição aos costumes da época, quando a jovem sai de casa e vai ao encontro do *amigo*. Uma situação doméstica, na qual a filha se desvencilha do poder vigilante da mãe e vive o amor à vontade e espontaneidade próprias.

Nas três cantigas abordadas, fica registrada a coragem da mulher, socialmente proibida (e tolhida) de sua liberdade de pensar, agir e decidir sobre sua própria vida, mas que rompe as barreiras sociais e se lança aos prazeres da vida com alguém que ela escolheu para dividir o prazer e sua intimidade pessoal.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cantigas *Albas* mostram a mulher livre, que busca nos amores clandestinos sua realização amorosa e pessoal. Nessas composições literárias, a voz do eu-lírico subverteu a legitimidade de submissão da mulher medieval. Trata-se de um texto poético que confirma o amor romântico que envolve sentimentos não controlados. Suscetível a riscos, dores e desilusões, esse amor registra o envolvimento de homens e mulheres expondo sua natureza humana, registrando um frêmito de sensualidade e erotismo, negados pela rígida moral social e cristã.

Sem voz na sociedade medieval, a jovem ficava à mercê da fidelidade (ou não) do trovador para traduzir em versos os seus sentimentos e comportamentos proibidos. Esse material histórico-social escrito na forma de cantigas populares deve ser considerado um importante documento e fonte histórica para contextualizar leis, proibições, cenas e fatos ocorridos em um período muito distante da nossa realidade. A liberdade buscada pela mulher das cantigas *Albas* não é diferente daquela de todos os tempos. A literatura revela por meio da subjetividade do trovador a voz feminina que recusa as formas ideológicas de poder, bem como o comportamento humano e social reprimido.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. (Trad.) Liz Silva. Lisboa: Edições 70 LDA, 2015.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos homens, do amor e de outros ensaios**. 3. ed. Lisboa: Cia de Letras, 1989.

_____. **A Sociedade Cavaleiresca**. Antonio de Pádua Danesi (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

ESPINOSA, Fernanda. **Antologia de textos históricos medievais**. 2. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976.

FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média – Nascimento do Ocidente**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FRYE, Northrop. **O Caminho Crítico**. (Trad). Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

GRIMBERG, Carl. **História universal**: das grandes invasões bárbaras às cruzadas.

Tradução de Jorge de Macedo. v.6. Lisboa: Publicações Europa-América, 1940.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. Nova História, 13.

_____. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002. v.1. p. 186.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

RECKERT, Stephen; MACEDO, Helder. **Do Cancioneiro de Amigo**. 3. ed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1996.

SODRÉ, Paulo Roberto. **Um trovador na berlinda**: as cantigas de amigo de Nuno Fernandez Torneol. Cotia, SP: Ibis, 1998.

SPINA, Segismundo. **A Lírica Trovadoresca**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade da idade média ocidental**: séculos VIII – XIII.

Tradução de Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. (Nova História, 26).

ZUMTHOR, Paul. **Falando de Idade Média**. (Trad.) Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 49

Aprendizagem histórica 1, 4, 5, 6, 7, 9, 130

Argentina 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

B

Beleza 68, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Brasil 1, 2, 6, 12, 13, 15, 16, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 51, 52, 57, 58, 104, 106, 108, 109, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 126, 128, 129, 130

C

Centenário 30, 31, 32, 33, 42, 44

Charges 116, 124, 128

Cidade 10, 11, 26, 40, 54, 74, 77, 81, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 130

Conceitos históricos 1, 3, 4, 5, 9

Controle 57, 63, 65, 88, 90, 95, 98, 99, 100, 102, 103, 126

Corpo 24, 65, 68, 88, 90, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114

Covid-19 51, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 126, 128

Cultura 2, 3, 4, 9, 25, 26, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 65, 66, 77, 97, 100, 115, 130

D

Docente 1, 2, 3, 15, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 39, 130

E

Educação 1, 2, 3, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 42, 46, 59, 95, 99, 105, 106, 128, 130

Ensaios 71, 73, 74, 75, 79, 82, 84, 85

Ensino de História 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 21, 28, 29

Escrita 5, 10, 31, 35, 73, 74, 75, 82, 83, 84, 87, 116, 117

Exílio 73, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 85

F

Feira de Santana 88, 90, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 102, 103

Feminina 61, 66, 71, 110, 123

Fiscalização 88, 97, 100, 101, 102, 103

Formação de professores 14, 15, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

H

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 43, 48, 49, 51, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 72, 73, 74, 75, 76, 84, 85, 86, 88, 100, 101, 104, 108, 110, 115, 116, 117, 121, 128, 130

Histórico-cultural 48, 50

I

Igreja 39, 51, 52, 54, 60, 61, 63, 64, 65, 69

Independência 30, 31, 43, 64

J

Jornal 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 119

L

Linguagem 34, 36, 61, 66, 70, 73, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86

M

Medieval 60, 61, 62, 64, 66, 69, 70, 71, 72

Memória 4, 5, 7, 10, 31, 32, 49, 54, 59, 98, 120, 130

Modernização 88, 89, 90, 96, 99, 126

N

Neoliberalismo 15, 28, 29

P

Patrimônio 4, 5, 11, 12, 22, 38, 47, 48, 50, 54, 55, 58, 59

Pertencimento 12, 31, 32, 48, 50, 73, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 110, 111, 121

Poder 2, 39, 40, 48, 50, 56, 60, 62, 63, 64, 66, 71, 84, 85, 86, 89, 99, 100, 102, 105, 107, 113

Política pública 49

Professores 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34

R

Representações 6, 49, 52, 88, 89, 116, 117, 121, 122, 127, 128

Resistência 3, 4, 60, 61, 66

Rio de Janeiro 14, 29, 59, 87, 104, 106, 108, 110, 115, 122, 123, 126, 128

S

Sanitarismo 89, 104, 105, 107, 108, 110, 111

São Paulo 13, 28, 45, 71, 72, 86, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 128, 129

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

2

